



## **VOZES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: ESCOLA E FAMÍLIA**

Natalie Archas Bezerra Torini <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O estudo que aqui se apresenta parte de minha atuação profissional como Pedagoga em um campus do Instituto Federal (IF) de São Paulo. Atuando no suporte aos processos de ensino e aprendizagem e no acolhimento aos alunos do ensino médio, o aumento do número de estudantes que solicitavam auxílio em questões de saúde mental<sup>2</sup> nos pareceu bastante elevado no último ano.

Os cursos de ensino médio integrado ao ensino técnico nesse campus do IF, como nos demais campus, possuem cargas horárias extensas de aulas (em média 3.500 horas aulas), distribuídas em três anos em tempo integral ou quatro anos em período único, que se assemelham ao conceito de escola em tempo integral.

Estudos têm mostrado que entre ganhos e perdas, se por um lado a escola em tempo integral favorece a proteção do adolescente, por outro, o aumento do tempo em horas que desconsidera as necessidades das juventudes, somado à exigência de alto rendimento dos estudantes nessas escolas, têm produzido competitividade e sofrimento (ARCO NETTO, 2011; SANTOS, 2018; SILVEIRA, 2017).

Corroborando essa premissa, os recorrentes casos de mal-estar, desmaios, crises de ansiedade e pânico no ambiente escolar, nos pareceram preocupantes. Somada à urgência em agir a partir da situação já identificada, a demanda por serem ouvidos emergiu dos próprios estudantes, durante uma reunião de Conselho de Classe Pedagógico dos cursos de ensino médio integrado em Informática para Internet e Mecatrônica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, [nataliearchas@gmail.com](mailto:nataliearchas@gmail.com);

<sup>2</sup> Compreendemos saúde mental na adolescência como definido pela Organização Mundial da Saúde enquanto “[...] a capacidade de se alcançar e se manter um funcionamento psicossocial e um estado de bem-estar em níveis ótimos.” (VIEIRA *et al*, 2014, p.39).

No IF, os estudantes possuem representação nos conselhos de classe pedagógicos, reuniões de caráter consultivo, que ocorrem bimestralmente, e objetivam o acompanhamento dos processos de ensino e aprendizagem, pautando-se no diálogo entre estudantes, docentes e equipe pedagógica, com vistas a identificar progressos e dificuldades, bem como articular encaminhamentos.

Foi na primeira reunião do ano de 2019, ocorrida ao final do 1º. bimestre, que os estudantes manifestaram insatisfação com o fato de suas vozes não serem ouvidas. Nas reclamações constantes mobilizadas por eles aos coordenadores de curso e à equipe pedagógica relatavam não enxergar mudanças efetivas, nem mesmo soluções palpáveis para os problemas identificados nas práticas de ensino, na garantia das aprendizagens, nas avaliações, nas recuperações, dentre outras questões.

Certos da importância de apoiar o protagonismo juvenil e ampliar os canais de fala e escuta na escola, compreendemos a urgência em elaboramos um questionário estruturado com perguntas abertas que pudessem ser respondidas de forma anônima. Na semana seguinte iniciamos a coleta das respostas, com boa aderência dos estudantes.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Foi aplicado, aos alunos do ensino médio integrado, um questionário estruturado com duas questões abertas a serem respondidas sem necessidade de identificação. Obtivemos como resultado, respostas de 86 alunos do curso de Mecatrônica e 96 alunos do curso de Informática para Internet, totalizando 182 respondentes.

As respostas foram analisadas tendo como base a análise de conteúdo (BARDIN, 2016). A princípio, partimos da “leitura flutuante” das respostas a fim de elaborar as categorias. Para a pergunta: “*Enquanto estudante do Ensino Médio do IF, como você está se sentindo?*”, elaboramos as categorias: a) muito bem (MB); b) bem (B) e, c) não me sinto bem (NB). Com relação à família, os estudantes responderam à pergunta: “*O que você gostaria de dizer a seus pais sobre isso?*”, as categorias elaboradas foram: a) explicar-se; b) agradecer; c) pedir apoio e d) alunos que não queriam dizer nada aos pais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Ao analisarmos as respostas dos estudantes com relação a como se sentem na escola, a partir da primeira pergunta do instrumento de coleta, identificamos que, do total de estudantes do ensino médio integrado de um campus do IF: 39% responderam que não se sentiam bem, 27% se sentiam bem e apenas 12% se sentiam muito bem. Outros 22% não responderam.

Dentre os que se sentiam *muito bem*, mostravam-se contentes e satisfeitos com a escola, as respostas abordavam os seguintes aspectos: a) boa infraestrutura; b) professores comprometidos com o trabalho; c) sentimento de gratidão e orgulho por estudar no IF; d) ensino de qualidade e e) a amizade com os colegas da turma.

Considerando as condições estruturais de muitas das escolas públicas, os estudantes apontam a infraestrutura do IF como superior, bem como reconhecem o comprometimento e avaliam como bom o trabalho desempenhado pelos professores (*“Me sinto bem aqui, todo mundo é unido, a estrutura é boa, e os professores são comprometidos”*. 1º.ano). Não são poucos estudantes que se mostram orgulhosos por estudar no IF, ressaltando o slogan da escola: “escola pública de qualidade” (*“Eu estou grato e me sinto honrado em estudar em uma instituição federal”*. 1º.ano). Por fim, alguns estudantes ressaltaram a amizade com os colegas de turma e a manutenção de laços e vínculos afetivos, como um fator essencial para manter uma boa relação com a escola (*“Estou me sentindo muito bem, em minha sala, todos nós somos muito unidos, e eu acho isso muito bom [...] quando estamos com dificuldades, ajudamos um ao outro”*. 2º.ano).

Dentre os que disseram sentir-se *bem* com relação à escola, as respostas abordaram, em sua maioria, os seguintes aspectos: a) sentimento de medo e culpa; b) dificuldades em acompanhar as aulas; c) sobrecarga pela rotina de estudos; d) alta cobrança e, e) preocupação com o vestibular.

Na instituição, parece existir uma cultura velada de valorização do alto rendimento dos estudantes, já apontada por Arco Netto (2011), o que muitas vezes afeta a autoestima, produzindo sentimentos de inferioridade, medo e culpa dentre aqueles que não alcançam o sucesso (*“Primeiro que ser estudante do ensino médio é complicado, agora ser estudante do ensino médio e do IF é uma situação delicada, requer uma atenção maior e pensamento positivo, senão as coisas não fluem”*. 1º.ano).

Importante destacar que desde o ingresso por meio de processo seletivo concorrido, perante um número reduzido de vagas, os estudantes apontam que a pressão por bons resultados existe e advém não apenas do desejo em atender as expectativas



impostas pela própria escola ou pelo corpo docente, mas também emerge das famílias (*“Olha, o IF é um lugar sensacional, mas existe muita cobrança e isso (em alguns momentos), acaba nos prejudicando”*. 2º.ano). Os mesmos aspectos são retomados pelos estudantes que *não se sentem bem*, como veremos adiante.

A preocupação em obter sucesso nos vestibulares aparece presente nas respostas dos estudantes desde os segundos anos do ensino médio. Alguns estudantes destacam que devido ao fato do curso ser integrado, as disciplinas técnicas tomam espaço das horas de estudo que poderiam ser dedicadas aos processos seletivos (*“Tenho ficado bastante cansado e tenho medo de não passar no vestibular, que minha formação não seja suficiente”*. 3º.ano).

Dentre os que *não se sentiam bem*, que foram maioria na amostra, foram recorrentes os seguintes aspectos: a) pressão e exaustão; b) sentimento de inferioridade frente aos demais colegas; c) ausência de espaços para o protagonismo juvenil; e d) insatisfação com o curso técnico.

No que se refere ao protagonismo estudantil, os estudantes observavam poucas ações na escola que valorizassem suas vozes (*“Me sinto oprimido, pois na maioria das vezes somos calados quando tentamos manifestar nossas opiniões”*. 3º.ano). E, apesar das investidas em conversar com os docentes, não vislumbravam melhorias nas relações (*“Muitas das vezes sem voz, algumas opiniões e indicações não são consideradas”*. 2º.ano). A partir dessa demanda, com vistas a consolidar espaços de fala e escuta, foram incentivadas ações como a criação do grêmio estudantil, naquele mesmo ano, bem como, a promoção de rodas de conversa semanais sobre temas de interesse dos estudantes mediadas pela psicóloga e pela pedagoga.

A insatisfação com o curso técnico é outro ponto delicado. Pelo fato dos cursos serem integrados, ou seja, o ensino médio e o ensino técnico são imbricados como um curso único e, não existir a possibilidade de não cursar as disciplinas técnicas, não foi difícil notar nos relatos dos estudantes que a procura pelo curso integrado, em geral, se refere à procura por um ensino médio de qualidade (*“Me sinto desmotivado em relação ao curso técnico, esperava mais prática e técnica do que a teoria maçante de certas matérias.”* 3º.ano).

Com relação ao que os alunos gostariam de dizer a seus pais, foi comum encontrar nas respostas dos estudantes o desejo de explicar-se (27%); aqueles que



disseram não ter nada a dizer (27%); alguns que pediram apoio (17%) e outros que gostariam de agradecer (7%). Outros 22% optaram por não responder à pergunta.

Dentre aqueles que queriam *explicar-se*, os estudantes destacam as dificuldades encontradas no ensino médio, relatam seus erros e pedem desculpas pelo resultado ruim consolidado pelas notas baixas, ressaltando o esforço que empreendem nos estudos (“*Me esforcei ao máximo em relação aos estudos, nem sempre teremos resultados conforme nossas expectativas*”.1º.ano).

Os estudantes que gostariam de *agradecer*, por sua vez, parecem manter bons vínculos afetivos com seus familiares. Ao falar de seus pais, destacam figuras presentes em suas vidas, a abertura ao diálogo, a compreensão e o apoio para com os filhos adolescentes. Já dentre os estudantes que gostariam de *pedir apoio*, emergiram pedidos por respeito ao espaço do adolescente e aos estudos, a compreensão pelas escolhas feitas, o incentivo para estudar, a paciência, a tolerância e a abertura ao diálogo positivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise e categorização, os resultados foram apresentados aos professores da escola em reunião coletiva de formação, com vistas a compartilhar as impressões dos estudantes, favorecendo a reflexão docente sobre os sentimentos e preocupações que os angustiavam, compreendendo com Vieira *et al* (2014, p.13) que “um professor bem informado e sensível pode tanto promover saúde mental quanto atuar na prevenção de transtornos”.

Em momento posterior, as respostas dos estudantes foram apresentadas aos seus responsáveis em uma reunião com a pedagoga e as coordenações de curso, em busca de favorecer a parceria orquestrada entre escola-família, entendendo que quando se trata de promoção da saúde mental, as ações são mais eficazes quando não tardam a ocorrer e podem ser compartilhadas (Bressan *et al*, 2014).

Ainda de forma pouco estruturada, foi-se delineando um espaço de escuta e reflexão na escola, atuando como verdadeiro fator de proteção para os adolescentes, os quais “fortalecem aspectos saudáveis do indivíduo [...] podem ser ambientais, como bom convívio familiar ou bom desempenho escolar, ou competências pessoais, como autoestima positiva e habilidades de socialização” (BRESSAN *et al*, 2014, p.40).



Para envolver as famílias nesse processo, foi solicitado aos responsáveis que escrevessem bilhetes com mensagens de incentivo aos estudantes, sejam eles seus filhos ou não. Os bilhetes foram, posteriormente, entregues aos alunos num momento de conversa e reflexão sobre o conceito de “comunicação não-violenta” (ROSENBERG, 2006), atuando como uma ferramenta possível para melhorar o diálogo entre os pares, com os pais, com os docentes e com outros adultos.

A partir do processo de escuta e reflexão que vivenciamos e compartilhamos, compreendemos que para promover a saúde mental na escola são necessárias ações contínuas de escuta dos estudantes, estabelecimento de rodas de conversa em que suas vozes possam ecoar, encorajamento do protagonismo juvenil e fortalecimento da parceria entre escola e família.

**Palavras-chave:** Ensino médio, Protagonismo Juvenil, Saúde Mental.

## REFERÊNCIAS

ARCO NETTO, Nicolau Dela Bandera. **Esforço e vocação:** a produção das disposições para o sucesso escolar entre alunos da Escola Técnica Federal de São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARDIN, LAURENCE. **Análise de conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016.

VIEIRA *et al.* Saúde mental na escola. In: ESTANISLAU, Gustavo e BRESSAN, Rodrigo Affonseca (orgs.) **Saúde mental na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2014, p.13-24.

BRESSAN *et al.* Promoção da saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. In: ESTANISLAU, Gustavo e BRESSAN, Rodrigo Affonseca (orgs.) **Saúde mental na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2014, p.37-48.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta:** Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Danielle de Sousa. **Democratização do acesso ao ensino médio integrado no IFSP:** o contexto da implementação da Lei de reserva de vagas. 2018. 1 recurso online (232 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

SILVEIRA, A. G. **Marcas do tempo integral nas juventudes:** um estudo de caso em um Instituto Federal do Espírito Santo. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2017.